

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FARIA, Tales Santos de. Tales de Faria (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 49min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL e COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Tales de Faria
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Levantamento de dados: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alzira Alves de Abreu; Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 11/12/2008 a 11/12/2008

Duração: 0h 49min

Arquivo digital - áudio: 1; Fita cassete: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Capitalismo e tecnologia no Jornalismo contemporâneo: funções sociais e práticas profissionais", desenvolvido pela Profa. Virginia Fonseca, orientada pela Dra. Alzira Alves de Abreu, dentro do plano de atividades do estágio pós-doutoral, realizado no CPDOC, entre março de 2008 e março de 2009. O principal objetivo do trabalho era refletir sobre a identidade do jornalista contemporâneo. A escolha dos entrevistados se justificou pelo cargo de direção na redação da organização jornalística em que atua, circunscrevendo-se, assim, à categoria de elite da profissão. Ele é Editor-chefe do Jornal do Brasil.

Temas: Anarquismo; Editoração; Ética; Família; Física; Formação profissional; Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Ideologia; Internet; Jornal do Brasil; Jornalismo; Luiz Inácio Lula da Silva; O Globo; Opinião pública; Política; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Sumário

Entrevista: 11.12.2008

Fita 1-A: Origens familiares; formação dos pais; formação em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1983); opção pelo anarquismo como ideologia; motivos da escolha da profissão; jornalista na faculdade de Física (UFRJ); trajetória profissional: estágio no O Globo, de rádio-escuta a diretor da sucursal do Rio de Janeiro na Folha de São Paulo, repórter de política na Folha de São Paulo, repórter especial no O Globo, diretor da Istoé, diretor da sucursal de Brasília do Jornal do Brasil e, editor chefe, no Rio de Janeiro (2007); visão sobre a sua geração, importância do jornalismo para a sociedade.

Fita 1-B: Importância do jornalismo para a sociedade; jornalismo como distribuidor de informações; mudanças no jornalismo: profissionalização dos jornalistas, inovações tecnológicas na TV e no jornal; diretor de conteúdo do JB on-line; prováveis mudanças nos jornais e nas revistas causadas pela internet; rotina de trabalho; como e quais fatos se transformam em notícias; perfil dos jornalistas; novo relato sobre a importância do jornalismo para a sociedade; jornalista como formador da opinião pública; opinião dos jornalistas sobre o governo Lula; relação entre o jornalista e o interesse público; existência ou ausência da neutralidade no jornalismo; necessidade de verdade e ética no jornalismo; perfil dos novos jornalistas.

Entrevista: 11/12/2008

Virginia Fonseca - Começo essa nossa conversa perguntando o ano do seu nascimento, o local, a formação dos seus pais e a sua formação superior.

Tales Santos de Faria - Eu nasci em 1957, no Rio de Janeiro, sou filho de José Valter Faria e Letícia Faria. Minha mãe era psicóloga (na verdade, naquele tempo, o que havia no Brasil era a Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil, a gente se formava em Filosofia e fazia uma especialização. A minha mãe fez especialização em psicologia, se tornou educadora, trabalhava no MEC, e foi diretora do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP). Meu pai fez também a Faculdade Nacional de Filosofia e especializou em físico-química, fez pós-doutorado (naquele tempo se chamava especialização, não havia doutorado) e ganhou um prêmio equivalente a jovem cientista – ele e um outro físico chamado César Lattes, e foram fazer a especialização na Inglaterra. E teve livre-docência depois na USP, eu acho.

V.F. - E a sua formação superior?

T.F. - Sou formado em Jornalismo (Comunicação). Eu comecei o curso de Física, na verdade, larguei e fui fazer Jornalismo. Na UFRJ. Tanto Física quanto Jornalismo.

V.F. - Se formou quando?

T.F. - Em 1983. Meu pai era um anarquista, além de dar aula na UFRJ, ele escrevia um jornal chamado Ação Direta, que era do José Oiticica, um dos principais líderes do movimento anarquista no Brasil, e por conta disso eu acabei também virando anarquista, e sou anarquista até hoje, graças a Deus, graças a Deus, veja... No meio do caminho, minha mulher teve problemas para ter filhos, eu que tinha sido coroinha na infância, porque minha mãe era muito católica, virei ateu, depois passei a ir numa igreja e virei anarquista e católico.

V.F. - Por que escolheste o jornalismo como profissão?

T.F. - Primeiro porque descobri que não queria fazer Física. Eu gostava muito do meu pai, você pensa em ser cientista como ele, e depois você descobre que sua vocação não é acadêmica, eu queria alguma coisa mais prática. Entrei no jornalismo pensando em fazer jornalismo científico. Eu estudava com os professores no curso de Física [...]. A SBPC começou a fazer uma revista científica chamada Ciência Hoje, e eu comecei a fazer essa revista nos primórdios dela. Não sei se entrei no segundo número... Entrei fazendo estágio ainda [...].

Eu queria fazer jornalismo porque gostava de escrever, fazia poesia, essas coisas, e achava que era por aí. Achava que em jornalismo científico eu uniria a coisa da ciência com a divulgação científica, mas depois eu vi que o que eu gostava mesmo era de jornalismo de reportagem. Fiz estágio no *Globo*, na reportagem geral, depois virei repórter de Polícia. Do *Globo* fui para a *Folha de São Paulo*, como rádio-escuta, depois virei repórter de Polícia e repórter de Nuclear (naquela época, as questões nucleares eram muito emergentes – esta Usina de Angra 2 liga, não liga, ela teve um vazamento, teve a questão do buraco da Serra do Cachimbo, que a repórter Elvira Lobato descobriu que existia e toda a área nuclear tinha que

provar que aquilo não era um buraco, era uma instalação nuclear. Para você provar que era uma instalação nuclear, umas fontes minhas disseram que foi feito um levantamento em torno desse buraco e aí eu consegui os documentos mostrando que a Comissão Nacional de Energia Nuclear tinha feito todo o monitoramento de radiação de fundo em torno do buraco. Quando você vai fazer qualquer instalação nuclear, você tem de saber o nível de radiação, de radioatividade ambiente, porque se tiver algum distúrbio, vai mudar o nível de radioatividade no ambiente, é como você estabelece o ponto zero de radioatividade daquela localidade. Então aquilo não era só um buraco, era uma instalação nuclear, porque foi feito um levantamento do ponto zero do nível de radioatividade ali [...].

V.F. - E depois da Folha de São Paulo?

T.F. - Na *Folha de São Paulo* eu virei repórter, chefe de reportagem, secretário de redação e diretor da sucursal aqui no Rio. Fui como repórter especial para Brasília. Em Brasília fiz o que queria, que era começar a entrar na reportagem política, que eu faço hoje, que sou hoje. Aqui na *Folha*, como diretor da sucursal, fazia a coluna do Rio da Folha, um dia por semana. Naquele tempo era o Nilton Rodrigues e depois acho que o Otto Lara Resende. Eles faziam durante a semana, e eu fazia quarta-feira. Na Folha ainda, eu fiz uma entrevista com Antonio Carlos Magalhães (ele estava sendo cogitado, numa reunião do PFL, para ser candidato a presidência), em que ele propunha que o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, fosse candidato, e que se ele fosse, ele deixaria de ser candidato pelo PFL e levaria o PFL a apoiar o Fernando Henrique.

Da Folha fui para *O Globo* como repórter especial e fazendo a coluna Panorama Político às segundas-feiras. A Teresa Cruvinel fazia durante a semana. Aí me chamaram para dirigir a *Istoé*, em Brasília. Fui dirigir a *Isto é*. Durante esse tempo, a gente fez na *Istoé* a gente descobriu a adulteração do painel do Senado, que resultou na cassação do ACM (cassação não, ele renunciou), fizemos várias coisas: o vice de 15 milhões de dólares do Serra (Henrique Eduardo Alves) teve que sair, uma série de coisas, graças a Deus foi exitoso. Mudou a direção geral da *Istoé*, a direção de redação da *Istoé* na época era em São Paulo [inaudível], o novo diretor que assumiu eu não me dava com ele, e eu saí da revista e vim para o *Jornal do Brasil* para dirigir a sucursal de Brasília. Fiquei um ano dirigindo a sucursal, vim para cá e vai fazer dois anos.

V.F. - Há dois anos tu és editor-chefe aqui no JB?

T.F. - Há um ano e meio, mais ou menos, eu cheguei em setembro do ano passado.

V.F. - Quais são os fatos/acontecimentos que achas que marcaram a tua geração, no Brasil e no mundo?

Antes, você me perguntou lá atrás por que eu quis fazer jornalismo. Uma das questões era essa. A outra questão era gostar de escrever e isso me tirou da Física e me levou para o jornalismo. Mas tem uma outra questão: a minha geração é uma geração que, em algum momento, tentou mudar o mundo, e acreditou que era possível. É uma geração cheia de desiludidos, de gente que acha que não dá para mudar o mundo. Eu não penso assim. Eu acho que a gente muda o mundo, até pela visão anarquista, nas pequenas coisas e num processo constante de mudança. O jornalismo é uma atividade revolucionária. Por quê? Porque, nesse

século, nesse milênio que nós entramos, qual a grande diferença do mundo que a gente vive dos anteriores? A diferença é a informação. A informação se tornou o grande produto da contemporaneidade, o grande valor. Nós, jornalistas, o que fazemos? Nós pegamos esse valor, essa coisa mais importante, que mais vale hoje numa sociedade e distribuimos. Então nós somos uma grande força de distribuição de riqueza. Um jornalismo sério, bem feito, é uma grande força de distribuição de riqueza. Eu acho que existe gente que faz um jornalismo concentrador, faz um jornalismo sempre a favor dos grupos hegemônicos, eu acho não, tenho certeza. Eu tenho 25 anos de profissão e é o que mais vi na minha vida, especialmente no jornalismo político – gente que faz jornalismo a favor sempre dos grupos hegemônicos. Esses são concentradores de renda. Chegam até a esconder informação, só liberam a informação que os grupos hegemônicos querem, da forma que querem. Agora, o jornalismo sério, bem feito, é um distribuidor. Ele revela aquilo que os grupos hegemônicos não queriam ver revelado, com dificuldades, porque a vida é cheia de dificuldades, não é redondinha. O meu professor de Física, o Pinguelli, dizia o seguinte: que você chegava para um agricultor que estava com problema no cavalo e dizia para o físico assim - “esse meu arado está com um problema desgraçado, não está produzindo mais a mesma coisa. O arado não tem nada ali, o problema é o cavalo”. O cientista dizia: “bem, primeiro eu tenho que fazer o modelo do cavalo para poder estudá-lo. Deixa eu fazer um modelo do cavalo. Qual o modelo inicial do cavalo? Seja um cavalo esférico e sem atrito.” Então, a gente, no mundo acadêmico, as pessoas tendem a modelar as coisas e a pensar que a vida é feita de cavalos esféricos e sem atrito, mas não é. Ela é cheia de arestas, cheia de articulações, de vetores em várias direções, é muito complicada. Mas se você, dentro dessas dificuldades todas, trabalha no sentido de liberar a máxima informação, tirar a informação de onde estão tentando escondê-la, você está distribuindo renda, e está sendo revolucionário. Então eu acho que o jornalismo tem esse lado de “missão”, que é apaixonante.

V.F. - Qual é a “missão” do jornalismo?

T.F. - Distribuir informação. Disseminar a informação. A informação mais correta possível.

V.F. - Nesses 25 anos de atuação profissional, quais são as mudanças mais importantes que julgas terem acontecido especificamente no jornalismo?

T.F. - Quando eu entrei, estavam saindo os últimos repórteres antigos de polícia. Tinha alguns repórteres semi-analfabetos, que apuravam, e sentavam e falavam para o redator, o redator batia a matéria. Tinha repórteres que recebiam mesada de delegados. Na reportagem de Polícia e Cidades, que eram de um nível razoavelmente baixo, ela tomou um choque ético. Se profissionalizou.

Acho que a outra grande mudança foi a *Folha de São Paulo*, com o projeto editorial dela. Houve antes, na década de 50, uma mudança, que foi a implantação do lead, do texto objetivo na imprensa brasileira, aqui no Rio – no *Diário Carioca*.

V.F. - E depois no *Jornal do Brasil*.

T.F. - E depois no *Jornal do Brasil*. Esse é um grande corte epistemológico aqui. É quando você torna o jornalismo mais objetivo. No *Diário Carioca* em 1950; no *Jornal do Brasil*, dez anos depois, em 1960. Nesse meio, teve um outro corte, que foi a *Última Hora* e a

profissionalização do jornalista. O jornalista era o cara que tinha duas profissões, em geral ganhava pouco. Na *Última hora* [passou a ter] salários altíssimos, mas vindo de uma ... Getúlio. Ela tinha suas arestas, mas profissionalizou a imprensa, ajudou a profissionalizar a imprensa. Depois disso teve a TV Globo, a implantação do padrão Globo de Qualidade, da profissionalização da TV, foi uma outra revolução. E depois disso a *Folha* com o seu projeto gráfico e editorial, que foi de radicalização da independência do jornalista em relação às suas fontes. Depois do projeto *Folha*, ...

V.F. - A internet?

T.F. - É aí, entra a internet. Aí eu sou editor-chefe do *Jornal do Brasil*, diretor de conteúdo da CBM (Cia. Brasileira de Multimídia). Por que diretor de conteúdo? Porque eu também passei a comandar o on-line [JB On-line]. Quando entrei aqui, quando fui convidado pelo Marcos [inaudível], eu entreguei a ele o texto que eu tinha escrito dois anos antes, um pouco mais, que deve estar até hoje lá no *Noblat*, que eu dizia o seguinte (hoje é voz corrente, todo mundo fala isso): que com a internet, as grandes redações vão migrar para o on-line. A informação em tempo real, a informação do *hardnews* vai estar no computador. O computador tende a se tornar um jornal. Eu não sei quanto tempo ele vai levar para virar uma folha, mas que vai virar, vai. A grande redação, a produção de *hardnews*, essa vai para a internet. E o jornal? O jornal morre? Eu acho que não. O jornal, e eu dizia isso nesse artigo, eu acho que o jornal tende a ter uma redação pequena, enxuta, de sênior. O jornal vai virar uma revista diária. Nós temos uma expressão usada aqui no Brasil, que não sei se é [usada] no resto do mundo, que é a revista semanal de informação. A *Veja* é uma revista semanal de informação. *Istoé* é uma revista semanal de informação. O jornal passa a ser uma revista diária de informação.

V.F. - Matérias mais analíticas...

T.F. - Analíticas, mais profundas, artigos, etc. Muito embora a internet esteja se tornando mais profunda. Mas o jornal passa a ser uma revista diária. Acho que o que tende a acabar é a revista semanal de informação. E a revista passa a ser um produto segmentado, semanal ou mensal, quinzenal, bimensal, só produtos segmentados. Produto de informação é diário. A revista de informação vai ter que ser diária, e é o jornal. A internet mexeu com isso tudo, mexeu com todo o nosso conceito de jornal, de revista, de *hardnews*, é a grande revolução do momento. Nós estamos em pleno processo e é muito difícil, dentro dos processos de mudança, de inflexão, você saber exatamente para onde a coisa vai. Não está claro para ninguém. Está começando a ficar mais ou menos consensual essa visão de que o jornal tem que ser uma revista diária.

V.F. - Descreve-me a tua rotina de trabalho.

T.F. - Eu acordo às seis da manhã, tomo café, essas coisas...leio jornal, resolvo minha vida, por volta de oito horas sento no computador, escrevo meu blog sobre política, venho para cá, chego aqui às dez horas. Começo a ver os problemas, tenho uma reunião de pauta com todos os editores às 11h, para discutir a pauta do dia. Saio dessa reunião e deixo tocando o jornal os três editores executivos – o Rodrigo Almeida, a Sheila Machado e o Ricardo Gonzáles. Tem um editor executivo que, na verdade, só usa o nome de editor executivo, mas o cargo ele é

mais alto. Ele é diretor de sinergia do jornal [refere-se a José Aparecido Miguel]. Ele finge que está subordinado a mim, mas não está. [risos] Na verdade, tenho três editores executivos, mas tem um quarto que é falso, que não é editor executivo, mas diretor do jornal.

V.F. - É um trabalho de gestão da redação.

T.F. - Eu deixo com os editores executivos e vou cuidar de outras partes. Porque também inventaram aqui um negócio de unidades de negócios, eu também sou *publisher* da parte de noticiário, tenho que sair, comandar o pessoal do comercial. Depois eu volto para a redação e faço uma reunião às cinco horas da tarde, que é a reunião de fechamento, com os editores, quando eles me dão um retorno de suas pautas diárias. Aí a gente tem um frescosinho por volta das sete e por volta das oito. Eu sento ali e começo a desenhar com eles a primeira página. Eles estão ali, ó, discutindo a primeira página desenhada no computador. Depois a gente senta, e todo mundo vai bater as chamadas: se divide ali para fazer as chamadas da primeira página.

V.F. - Isso dá uma jornada de quantas horas de trabalho por dia?

T.F. - 13 horas de trabalho. Eu só saio daqui às 10h30min [22h30min].

V.F. - . Como editor-chefe, quais são os critérios recomendados para a seleção das notícias? O que faz com que um determinado acontecimento saia da vala comum dos acontecimentos sem importância para se transformar em notícia?

T.F. - Eu sou um sujeito que gosta de pensar, mas nunca consegui ter isso com clareza, ter definições muito claras. Leio de vez em quando, mas [as leituras] nunca me satisfizeram. Aquela velha definição da moça que mordida o cachorro. Ele serve de um ponto. Tudo o que chama a atenção é notícia.

V.F. - Tudo o que foge da rotina...

T.F. - Tudo que foge da rotina chama a atenção é notícia. Em política e economia, eu passo a notar que a inflexão é notícia.

V.F. - Como assim?

T.F. - O governo está bem com sua base governista, aprovando os projetos no congresso... De repente a base se revolta e reprova um projeto. Está inflexionando a conjuntura. Teve uma inflexão na conjuntura. Essas inflexões na conjuntura são notícia. Inflexão no quadro econômico, é notícia. Tem outra questão, que é a prestação de serviços. O serviço que todo mundo quer é notícia. Então não é só quando a moça morde o cachorro. Às vezes as pessoas precisam do serviço. No fim de semana nós vamos fazer um caderno de Natal no caderno de Economia. Eu estou de saco cheio, e não quero fazer na semana de Natal, discutir profundamente a economia. Vamos fazer um caderno só de ofertas, só de presentes. Presentes baratos, presentes de 30 a 50, de 50 a 100, de 100 a 500, de 500 a 1000, e de 2000 a 10.000 [reais]. Vamos fazer um cadernão cheio de dicas de presentes. Na rua da Alfândega, quais são os shoppings chiques, serviço. É notícia, as pessoas precisam disso. A outra é a questão

social, não é. Isso é engraçado porque eu só aprendi depois de velho passei a dar mais valor a isso e acho que – a coisa do bem, a boa notícia. Não é uma grande inflexão, mas ela tem peso social, de mostrar para as pessoas “olha, isso aqui é uma boa experiência”. Essa professora conseguiu fazer um método de alfabetização usando bossa-nova, e as crianças aprenderam mais rápido assim. Isso é notícia. Não tem grandes inflexões aí, não tem moça mordendo cachorro, nem serviço, ela é só do bem, e é notícia.

V.F. - E quais são as recomendações quanto às relações com as fontes?

T.F. - Simpatia e rigidez. Você não precisa ser grosseiro. Um jornalista é quase artista. Ele se julga acima dos outros, se julga famoso, acha que todo mundo o conhece, que todo mundo o lê. Se acha mais, e daí para a grosseria é um passo, da arrogância. Eu acho a arrogância uma péssima conselheira. Ela só atrapalha a você aprender coisas, ver coisas, apurar coisas. Para o jornalista é péssima, embora haja muitos bons jornalistas arrogantes. Ela é péssima, mas tem gente que ...

V.F. - Na tua opinião, qual é a função [papel] do jornalismo na sociedade?

T.F. - Distribuir renda.

V.F. - Distribuir renda? Explica melhor isso.

T.F. - Você está distribuindo o maior valor da sociedade, que é a informação. Isso é renda.

V.F. - Tu achas que o jornalista é o que – um produtor de informações, disseminador dessas informações ou é um intérprete da realidade?

T.F. - Eu acho que ele é as duas coisas. Ele não é um produtor de informações, é um disseminador de informações. Ele tira a informação dos lugares. Em alguns momentos, para tirar, é mais importante a interpretação. Mas em algum momento, sem interpretação, só a informação em estado bruto. Se o Antonio Carlos Magalhães foi lá e violou o Senado, isso é uma informação, em estado bruto. Isso não tem interpretação. E isso é revolucionário porque isso o presidente do Senado queria esconder das pessoas.

V.F. - Coube ao jornalismo tornar isso do conhecimento público.

T.F. - Do conhecimento público.

V.F. - Tu achas que o jornalismo interfere no processo de formação de uma opinião pública? Que o jornalismo cria uma agenda dos assuntos públicos?

T.F. - Ele interfere. Ele tem peso, mas não tem o peso todo que imagina ter, ou que os jornalistas e especialmente os donos de jornais gostariam que tivesse. Exemplo disso é o caso do Lula. A imprensa fez uma campanha claramente contra a reeleição do Lula. Ele foi eleito, mesmo com toda a campanha da imprensa, mesmo com os grupos hegemônicos contrários, mesmo contra a elite. Tinha aquele conceito da pedra do lago, que você pegava, conquistava os formadores de opinião e como ondas essa opinião iria se espalhando por toda a sociedade e

acaba que ela ganha a sociedade. Não ocorreu isso no caso da reeleição do Lula. Muito pelo contrário. Os formadores de opinião ficaram isolados e o povão fez o que quis, e está fazendo até hoje. Setores da intelectualidade, setores da imprensa, se recusam a aceitar que o Lula saiba gerir tão bem, ou melhor, não sei, que o Fernando Henrique Cardoso — se recusam a aceitar. Como é que um operário... Eu vejo aí colunistas chamando o povo de idiota, de burro. Como é que está 70% [de aprovação do governo Lula]. Está 70% porque as pessoas estão vivendo melhor e acreditam que o País melhorou. Acabou. Então, a imprensa tem força na opinião pública? Tem, mas é uma força moderada. Eu já vi ela conseguir impor seu pensamento várias vezes, mas já vi ela não conseguir impor.

V.F. - Em que medida a seleção dos assuntos que vão se tornar notícia é determinada pelo gosto da audiência? Se formos pensar em termos de interesse público x interesse do público.

T.F. - O jornalista tem que estar voltado para o interesse público. Ele não pode achar que ele é que vai definir o que é o certo e o errado. É um caminho muito difícil porque se você ficar ali, desculpe a expressão, “bostejando” o que é certo e errado em interesse público (“isso aqui é interesse público!, isso aqui não é!”), você vai fazer péssimo jornal. O interesse do público tem o seu valor, não é necessariamente sensacionalismo. Quando o interesse do público, aí depende do veículo, meu veículo não é sensacionalista. Eu vejo os casos dessas glamourizações das mortes dessas meninas, em que fica a imprensa seguindo o carro, faz vigília na casa da família, persegue o carro, os programas de fofoca passam a transmitir em tempo real tudo o que está ocorrendo com aquela família, isso é caso de uma doença da sociedade, e a imprensa vai doente junto. Não é só a imprensa, os meios de comunicação todos. Não é o jornal, não é Jornal Nacional, que está dando o negócio glamourizado, é a “Mais Você”, a Ana Maria Braga, que passa o dia com aquilo, e ela não é programa jornalístico. Então, em que medida é um ou é outro (interesse público ou interesse do público), é difícil, muito difícil. Eu não me pauto por ser sensacionalista, tento não fazer isso. A gente tem que tentar fazer um jornal de não glamourização da idiotice.

V.F. - O que tu pensas a respeito da suposta neutralidade ou imparcialidade jornalística. O que tu entendes por objetividade jornalística?

T.F. - Na Faculdade a gente discutia a neutralidade da Ciência, e não existe neutralidade nem na Ciência. Os cavalos esféricos e sem atritos são modelos, não são a realidade. São tentativas de explicar a realidade, permeadas por uma ideologia. Assim como na ciência, no jornalismo também. Não há neutralidade. Mas a gente tem que buscar a neutralidade. A gente tem que buscar a neutralidade? O jornalismo tem que buscar a neutralidade?

V.F. - Acho que se persegue, como a ciência também persegue a verdade.

T.F. - Eu acho que é uma falácia. Tem que buscar, mas não sei nem se o leitor quer que busque. Os jornais europeus são posicionados. Existe jornal de esquerda, jornal de centro-esquerda, jornal de direita. Os leitores sabem se é de esquerda, centro-esquerda, direita.

V.F. - Tu achas que no Brasil não é possível fazer essa classificação?

T.F. - Eu acho que é possível, essa classificação é um pouco feita para enganar corações e mentes. “Eu sou neutro”. Não é verdade. Eu não sou neutro, mas eu tento ser neutro, eu busco

a neutralidade. Ah! Nem buscar a neutralidade você busca. Você tem uma ideologia, você trabalha numa direção. Tem ideologia quando você diz que busca a neutralidade. Quem inventou a busca da neutralidade na imprensa foram os americanos. Dentro disso tinha uma ideologia, um tipo de capitalismo, de que existe uma verdade, que existe um grupo que sabe o que é, existe um grupo neutro. Não existe nada disso. Então, não sei se tem que buscar a neutralidade. Tem que buscar? Eu tenho que buscar a verdade. A ciência tenta buscar a verdade. Eu posso ter dúvidas sobre a existência da verdade. Não é neutralidade. Eu posso ter dúvidas sobre a existência da verdade. A ciência também tem dúvida, mas eu busco a verdade. A dúvida faz de alguns cientistas [inaudível]. No jornalismo é a mesma coisa, eu busco a verdade, o meu leitor tem que saber “esse cara busca a verdade”, mas ele não é neutro. Ele é honesto. Ele é intelectualmente honesto, com o leitor e a fonte. A todas as minhas fontes eu sempre disse que sou anarquista. Sempre disse. Nunca tive problema. Por quê? Porque eu tive uma relação intelectualmente honesta com eles. Dizendo a minha posição, escrevendo o que elas tinham dito, não deturpando o que elas diziam (o Antonio Carlos Magalhães era minha fonte, durante um tempão. Me deu uma das entrevistas mais importantes da minha vida, que fez o Fernando Henrique ser candidato à presidência. Ele deu sabendo que eu não comungava das formas de pensar dele, mas que eu era intelectualmente honesto. O que ele dissesse, estava escrito. Ele rompeu comigo porque fui intelectualmente honesto. Eu denunciei ele, e ele era minha fonte!). O jornalismo tem que se pautar pela busca da verdade, tem que buscar a verdade. A neutralidade, isso é uma falácia. Isso é uma falácia. Eu estou aqui no *Jornal do Brasil* hoje, falei para você: “o Lula fez um bom trabalho”. Diferentemente da maioria dos editores deste país, de grandes jornais, eu acho que o Lula é um bom presidente, e não tenho medo de dizer isso. E meu leitor tem que saber isso de mim. Eu escrevo uma coluna e digo. Meu leitor tem que saber “esse cara que está escrevendo isso, que faz esse jornal, tem essa posição, mas ele é intelectualmente honesto. Se ocorrer alguma coisa diferente do que ele pensa, ela diz. Se ele se enganar, ele volta atrás. Se errar, ele diz “errei”. Jornalismo é isso, na minha opinião, não é neutralidade.

V.F. - Da tua experiência dirigindo equipes, de que forma tu descreverias o jornalista que está hoje atuando nas redações? Qual é o perfil desse jornalista?

T.F. - Ele é mais novo, em algumas coisas. Mas envelheceu no jornalismo político em relação a 20 anos atrás.

V.F. - Quem está no jornalismo político hoje é uma geração mais velha?

T.F. - Mais velha que há 20 anos atrás. Mas é mais nova do que a anterior, que envelheceu. Ele é mais bem formado. Por quê? Porque houve um tempo que não se exigia curso superior. Então você tinha o jornalista com dois empregos, que trabalhava num lugar, fazia bico em outros... Agora todos eles têm curso superior, todos vieram da Universidade. Então, é mais bem formado. Ele é de uma geração sem ideais, ele não acredita na mudança do país.

V.F. - Não tem grandes causas pelas quais lutar...

T.F. - Não tem causas. Ele só quer o salário dele. Mas isso não é um problema do jornalista, é dessa geração que está aí, desse mundo que está aí. Um mundo pós-moderno, um pós-*yuppie*. O *yuppie* era aquele cara que queria dinheiro, sucesso. Esse aí já não está mais nessa, não, do

sucesso do dinheiro. Mas ele quer a graninha dele, quer tratar da vida dele, quer ter grana para viver, com sucesso ou não, mas ele só tem esse objetivo. Ele não tem pretensões de mudar o mundo, o que é uma tristeza. Não tem.

V.F. - Não se filia a nenhuma causa, a nenhum movimento político.

T.F. - Nem o jornalismo ele vê como uma missão.

V.F. - Como acha que eles vêem o jornalismo?

T.F. - Como um emprego, uma profissão qualquer. Mas acho que isso é passageiro. Eu acredito que as coisas ocorrem por ciclos também, por sístoles e diástoles, como diria Golbery [Golbery do Couto e Silva, ex-ministro Chefe da Casa Civil no governo militar]. O que ocorre? Os meus filhos já são diferentes, meus filhos já estão querendo mudar o mundo. Tem uma geração que está vindo aí que vai querer mudar o mundo.

V.F. - Que idade tem teus filhos?

T.F. - Eles estão com 20. Tem uma turma que está vindo aí que vai querer mudar o mundo!

V.F. - Do que tratamos aqui, há alguma coisa que gostarias de acrescentar a esta entrevista, que não tenha sido tratada?

T.F. - Acho que não. Está tudo mais ou menos dito.

[FIM DA ENTREVISTA]